

VOL. I.

A GRINALDA.

N. 6.

JORNAL DOS DOMINGOS,

DOMINGO 3 DE SETEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de pernicio,
P'ra suavisar o trabalho,
Adistracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.¹, rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.² rua dos Ourives n.º 21, a 2000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

AS TRES FLORES

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma de uma virgem, tem o aroma da candidez, e recendem a sabedoria moral indifinida do seio de Deus, que nos não é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem le a historia da humanidade, e conhece a sua relação com o Creador.

Feliz é ella unicamente na terra.

PRIMEIRA PARTE.

AS FLORES.

—Para que apanhaste estas flores? minha filhinha? Não sabes que elas vivem como nós, e que estavam no seio de suas mães-sinha?

—Oh, meu pae-sinho, eu vou botal-as lá onde estavam.

—Não; tu as destruiste; suas mães, as plantas d'onde elas nasceram, não poderão mais alimentar-as; tu quebras-te os laços da natureza.

—Cruel que fui eu! Choraria até morrer si me arrancassem de meu pae. Coitadinhos das minhas flores! Elas hão de chorar tão bem! Si os meus beijos e as minhas lagrimas podessem consolal-as! oh si eu fui tão má é porque não segui os conselhos do meu pae-sinho.

—Não has de ser mais tão má. Não arrancarás as flores; porque elles tem vida assim como os passarinhos, e os seus filhotes nos seus ninhos.

—Só quero entreter-me em ouvir ao meu bom pae-sinho.

—Sim: eu te contarei cousas bem bonitas.

—Então, meu pae-sinho, conte-me ja. O que é a natureza, de que Vm. me falou, agora; e quem creou isso?

—Deos, unica couça que por si podia existir, e que existe de todos os seculos, foi quem creou tudo quanto sentes em roda de ti e quanto se acha em todo o Universo. E o universo é o que chamamos natureza.

—Então estas florinhos poderão ser chamadas—natureza?

—A natureza, para que possa ser comprehendida pelos espiritos fracos como o seu, deve ser considerada em partes.

—Que partes são essas? meu querido pae-sinho!

—A natureza ou é espiritual, ou material. A material é formada por todos os corpos, isto é, por tudo o que tu podes ver, ouvir, cheirar, gostar e tocar. E a espiritual é formada por todos os espiritos ou anjos, nossas almas e as forças que determinam os movimentos dos corpos.

—Então, são duas naturezas?

—Não, minha filhinha. Deos creou os espiritos, que influem sobre a materia ou os corpos, e dahi resulta uma couça unica—a natureza. Esses espiritos são de duas ordens: uns, a que chamamos forças, que regem os phenomenos que vemos appaecer na materia; e os outros intellegentes, que pensam, que conhecem, e que sabem que existem.

—E como se chamam estes?

—Anjos, e almas dos homens.

—E como é que a gente sabe disto?

—Tu não entendes, minha filhinha, o que te estou dizendo?

—Sim, senhor, estou entendendo.

—Pois isso, que te faz entender, é a tua alma. Cada um de nós tem a sua com que sente e conhece as cousas de que te estou faleando.

—Mas de que modo?

—A alma é sensível, intelligente e livre. No estado de sensibilidade ella pode ser modificada em presença dessas duas sortes de seres da natureza. A sua sensibilidade é physica, quando aparece no momento em que os nossos órgãos se movem pelo contacto de um corpo ou matéria qualquer; e moral, quando se manifesta em sequida de um acto de liberdade, ou em presença de um ser espiritual.

—Para entender-mos as cousas basta que as sintamos?

—Não: sentir não é conhecer; mas logo que sentimos, a intelligencia se põe em acto, apparece a sua percepção, isto é, temos ideia ou conhecimento das cousas.

—Bem, meu pae-sinho irei estudar tudo isto para lhe repetir amanhã.

—Espera, minha filhinha, ainda ténho uma cousa para dizer-te. A nossa alma, tão activa como é, não para no conhecimento da natureza physica e da natureza moral, ella busca ainda, por sua intelligencia, conhecer as relações que existem entre estas duas sortes de seres, e forma dahi um grande numero de cousas.

—E como se chamam elles?

—Seres metaphysicos, —formados pela nossa alma, e não existindo fora d'ella.

—Então, meu pae-sinho, podemos dividir a natureza em tres castas de seres: physicos ou materiaes, metaphysicos, e moraes.

—Sim, minha filhinha! Quanto me alegra por me teres comprehendido.

Era este o colloquio que Bernardo José do Itapéra, homem de um bom carácter e de uma alma illustrada, tinha com sua filha Rosa, menina de treze annos, linda como a flor cujo nome a adornava.

Findo elle, os dous se retiraram do Capão do Ipé para sua casa, não muito distante d'ali. Bernardo voltou á seus trabalhos de agricultura; Rosinha foi estudar o que ouvira de seu pae.

O Capão do Ipé distará pouco mais de meia legua da Povoação de S. Anna, perto das margens do Gaby, que vai desaguar na Lagôa do Viamão.

(Continuará.)

O SINO.

Si les cloches eussent été attachées à tout autre monument qu'à des églises, elles auroient perdu leur sympathie morale avec nos coeurs.

(CHATEAUBRIAND—Génio du Christianisme.)

I.

Pendido de alta torre o bronzeo sino, tem em seus sons variados a poesia mais elevada da dôr e do prazer. Desde a mais tenra idade, o homem, acostumado a sens échos queridos, ou antes a deliciosa musica do sino da sua aldeia, não pôde deixar de sentir-se de sua falta, quando nos desertos da Africa, ou sobre os Andes da America não ouve mais aquella voz familiar da igreja da sua terra.

O doce cantar dos passaros da floresta, os gritos agudos das feras das brenhas, o deleitoso murmúrio da agua do riacho, o ameno ruido da brisa sobre os galhos, tudo tem encantos e prazeres; mas não tão mimosos, nem tão ternos como os do som do sino da terra natal.

Quem desconhece e não sente esses toques da festa e da agonia, das horas e da missa? nascemos com elles e com elles morremos.

A posição superior que ocupa, o lugar sagrado que cobre, o ar que faz vibrar em torno, a massa dos fícis que chama ao templo, os signaes do dôr que envia aos habitantes; tudo isto espalha em nossa alma o interesse mais particular por elle.

Nós amamos este sino, nós o amamos muito como, a nossa mãe; quando nos separamos da patria, duas coisas nos vibram aos ouvidos docemente: é a suave voz da nossa querida mãe e o toque do sino de nossa aldeia; todas as outras recordações são secundárias.

Oh! as recordações delle são grandiosas, são lembranças do céo e de Deus, lembranças de nossa mãe que deixamos lá na terra da patria chorosa, pela ausencia do filho, incerta, coitadinha, pela sorte dellas.

E quanto longe de todos estes objectos queridos, nós adormecemos debaixo da copada ramagem do bôque, ou aopé da palmeira do deserto, sonhando, nós ouvimos o seu ranger.

E quando sentados, nas horas da ausencia, sentimos o fresco
bafejo da brisa da tarde, tambem ouvimos misturados
com o seu susurro o tanger do sino da patria.

E quando á beira do mar, sobre a rocha inusquenta da
costa, brincamos com os seixinhos humidos pela espuma
das ondas que rolão uma após outra, nesse ruido dis-
tinguimos tambem o tanger do sino da nossa terra.—

Uma voz secreta parece então dizer-nos, que tudo na patria
tem saudades por nós.

Muitas são as nossas, e nessa melancolia angusta quizera-
mos naquelle hora estar sentados debaixo do alpendre da
igreja, ou na torre brincando com o sino; o que fazia-
mos todos os dias quando éramos crianças.

II.

Era alta noite, escura e fria, sentado no modesto banco da
choupana eu ouvi o toque da agonia.

Estremeci...

Um suor frio precorreu meu corpo, levantei-me e orei.

Assim ora o christão; porque aquelle sino annuciava que
uma alma tinha sido chamada diante do Juiz Supremo.
Era a hora derradeira; era a ultima convulsão da vida para
aquele que estirado sobre o leito do passamento, talvez
ouvisse o signal que o dizia morto,—e elle orou tambem.

Neste momento, o mocho nocturno fez soar seu grito hor-
rendo, que, confundido com o écho agonisante, formava
uma melodia terrivel; mas sublime e tremenda. A esta hora
tudo era eterno misterio. Tudo erão trevas e certezas pun-
gentes; a esta hora é que se fazem os poetas.—

Amanhã soará ainda o sino para acompanhar o desunto ao
cimiterio, e então seu dobrar compassado e monotonico
chaçará á oração a o bom e o máo christão; porque nestas
scenas sente-se a alma abatida, e a realidade da existencia
apresenta-se igualmente a todos. Ninguem ouvirá o sino
sem estremecer nesta hora solemne.

Como instrumento acompanha as diferentes situações da dói,
sua musica é de uma execução facil mais sonora e terrivel.
Ora baixa, ora mais baixa ainda, ora indecisa, confuso
perdendo-se em lagrimas e ais; ou repreendendo seus sons
pelo tristonho arvoredo do cimiterio, gemendo sobre as
lages das sepulturas, ou echoando sobre as pretas cruzes
da cova.

Eu tinha o coração triste, era um acto solemne, a hora era
semelhante aquella d' Galgôtha; tudo era dor e saudade! -
Uma lagrima para ti bom christão que te finastes.
Uma oração a Deos, pela alma, que para elle foi chamada.
E o sino tangia a misica da agonia.
A noite estava escura, o vento sibilava por entre o colmo da
choupana.

Esse tanger semelhante a lentas pulsações de coração que
expira, esvaccia-se como a vida que finava; ou como sem
que se perde nas ultimas ondulações do ar.

Nada mais ouvi, tudo era silêncio, mas a noite estava
escura e fria.

Neste momento julguei ver visão estranha...
Era a imaginação do homem surprehendida pelo terror da
solidão das trevas.

(Continuará.)

A FLORINHA DA FONTE.

Bemrito Senhor, que deste
No deserto uma fontinha;
Bemrito tu que criaste
Junto à fonte uma florinha.

A. X. L. CORDEIRO. (O Vôo d'Alma)

Por aqui passa o ribeirinho, bordado de humidas pedrinhas
e de meiga relva viçosa; borbulha sonhando em sua fonte,
e brando e misterioso leva a sua agua de brilhantes,
por entre o verde da mais linda planice.

Uma lagrima debaixo da pedra, indica o seu chorar—a sua
nascente.

E mansas se deslizam depois essas gotas espalhadas—é man-
sas continuam seu pranto de amores solitários.

Elle vive ahí só, longe do ruido do mar—do rugir do rio
—do açoitar dos ventos!

Elle só ahí existe—nesse mesmo lugar o crêou Deus—
nesse lugar jamais ninguém o visitou.

Nasceu filo da melancolia!
Nasceu de noite quando a lúa reflectia um dos seus pa-
lidos raios sobre sua mãe!

Pobre que assim gerou um filho em sua triste solidão!
Apenas gemeu com a brisa que se escoava por entre os
galhos da floresta!

Ninguem a ouviu—ouvia-a Deus—; e ao outro dia, cavou na planice o berço desse pequenino triste—ornou-o de redondas pedrinhas brancas—matisou-o de relva maeia—e em sua cabeceira collocou uma florinha.

E' ja florinha da fonte.

Levantou-se apenas de um montãozinho de terra humedecida—abriu uma singela coroa pequenina de côr azulada e de suave perfume.

Em cima—lá onde borbulha a agua—ahi se balança ella em languido meneio.

Quando passa a borboleta, não se poisa sobre ella, que a não poderia sustentar.

Quando o sol arde ao meiodia, ella esconde-se abatida—quasi murcha; e depois, com as primeiras gotas do sereno viça de novo para adormecer sem cuidados.

E em seu berço sonha brincando o pequeno melancólico filho da solidão.

De madrugada desperta a flor e brilha com uma gota de orvalho pendida em seu diadema.

A sua côr é a côr do céo—o seu perfume é doce halito—o seu movimento é tenue tremor.

E boijando o seu ribeirinho, parece dizer-lhe: não te esqueças de mim!

Aos suspiros da virgem, que lhe hafejão em torno acolhendo-os chama-os seus companheiros.

E' que a virgem é como ella—um anjinho na solidão.

E' que a virgem, que jamais a viu, como ella, é meiga, é doce, é modesta e simples.

Uma florinha assim, é uma virgem, que inocente recosta a fronte sobre uma alma de tristuras.

A virgem—é como a florinha—ninguem ama; porque jamais a virão—e com que amor se amaria a sua alma candida?

Talvez com amor de anjo—amor de fonte, e não com profano amor de homem.,

São ambas eguaes.

Uma não sabe amar senão ao seu queridinho—o seu ribeiro.

A outra ama a sua innocencia, porque com elia cresceu—viveu—brincou: ama os seus suspiros que lhe brincão nos labios,

Quando ella quiser amar perderá a sua innocencia—morre com ella.

Quando a florinha da fonte quiser mais do que essa divina solidão—murchará—cahirá—e morrerá.

E em um dia o sol brilhava mais forte e foi a virgem ao prado; subiu pelo ribeirinho e chegou bem perto da florinha azul.

• Não te esqueças de mim » dizia ella.

Pobresinha foi colhida—murchou depois.

Longe da sua pequena patria suspirosa deixou de existir, Secou-se o ribeirinho;—apenas branca areia mostrava ter elle ahii vivido.

Abandonado que mais lhe restava?

Depois de algum tempo nesse mesmo lugar, quando ao anoitecer, chorava uma virgem isolada.

Erão suas lagrimas, a agua do ribeirinho.

Era ella, a florinha da fonte.

L. C. A. Junior.

O DESENGANO.

Fui presa de mil tormentos	Hoje a matina me agrada
Quando amor me festejou,	E me agrada o anoitecer;
Hoje à amizade formosa	Pensamento raiidades
Minha vida serenou.	Do tempo que hâde correr.

Outr'ora o dia sem laz
Proceloso me corria,
Hoje lucido e brilhante
Serenou me passa o dia.

Gosto do frio do inverno,
E do calor do verão,
Apraz-me o canto das aves
Seja qual fôr a estação.

Outr'ora a noite medonha	Ternas florinhas dos campos
Delírios e dôr me dava,	Minha trança formoseão,
Hoje gozo descuidosa	Copadas arv'res dos matos
Prazeres da noite ignava.	A minha sesta sombreão.

M. L. C. F.

MARUCAS DA RESTINGA

MOTE.

Ainda depois de morto
Debaixo do frio chão
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

GLOZA.

Se visses ac'amma activa
Que a minh'alma dá calor,
Oh! nem terias valor
Em a ver tão afflictiva!
Mas tu, que és só quem motiva
O meu mal sem dar conforto,
Vem navegar n'este porto,
Pois como eu nunca jurei,
Prometto quanto amarei
Ainda depois de morto.

E para melhor provar-te
Minha sincera paixão,
Mesmo dentro do caixão
Tu me verás abraçar-te.
Meu amor haverá lembrar-te
Que te appareço em visão
Proferindo a exclamação
Eu morro por ti querida,
Por ti me dispo da vida
Debaixo do frio chão

Em qualquer parte onde foros
Ateu lado ver-me-has
Sem querer exclamarás
Possuida de terrores:
— Eis aqui os meus amores!. .
E quando, com peito afflito
Tu resares o bendicto
Para te lires deitar
Nas paredes, e no ár
Acharás teu nome escripto.

Quando o tempo, o corpo meu
A cinzas tiver tornado,
Não o deixes ser soprado
Sem tirares o que é teu...
Chora quem amor te deu,
Peis neste estado acharão
Guardado com precaução
Entre outras muitas coisinhas
Para ti bellas cartinhas
Dentro do meu coração.

B. I. B.

LYRA

Tu és bella, como um cravo
Em a sua perfeição,
D'estes cravos que são bellos
Que atraíndo encantos dão:
Quem me déra; ó flor d'esta
Ter-te junta ao coração.

Tu és meiga, melindrosa
Como o cheiro do jasmim;
A ternura d'açucena
Tu imitas, mesmo assim:
E's terna, mas, tão somente
Não és terna para mim!..

Composto tão delicado
De que se adore é credor;
Quem pode ver impassível
Este olhar fascinador?
Ve meu pranto... ah! tem piedade!
Este pranto exprime—*amor!!!*

B. J. B.

NOTE.

Eu fiz voto de querer-te,
Mil empenhos de adorar-te,
Foi fortuna conhecer-te,
Será desgraça o deixar-te.

GROZA.

Desde o momento aprazível
Que, Marília, pude ver-te,
No Altar do Deus do Amor
Eu fiz voto de querer-te.

Dir-meu eterno coração,
Eu não posso separar-te,
Pois esse saz de continuo
Mil empenhos de adorar-te.

Para fluir doce vida
Foi-me porcizo obter-te;
Foi mudar de sorte, oh bolla,
Foi fortuna conhecer-te.

Que seja sempre constante
Vai meu peito supplicar-te;
Se é ventura possuir-te
Será desgraça deixar-te.

J. L. N.

Transcrevemos esta carta, que nos veio parar ás mãos; por a considerar-mos um escripto curioso e divertido. Conservamo-lhe a orthographia para ser mais bem apreciada.

CARTA

Adorado e emcompreensivel Bem

Eu sou muito franco e por isso não deveis estranhar que lhe pegue na pena para profundar o anago do meu insolito coração e mostrar-lhe a que estado o tem reduzido a mais horrorosa das paixões!.. Conheço mais do que Vm. mesma não ser legitimo para consagrар-lhe um amor de morte espantoso.. mas que queres que eu faça, se elas vem sem ser esperadas, e lá diz o proverbio: o que tem de ser tem muita força e a proposio disto lembra-me mandar-lhe este pedaço de latim que creio emcaixa bem aqui: *quid natura dare negare mo pote..!*

A senhora poderá chamar-me com razão de insivel, mal criado ou grosseiro, lá isso pode ser; porem de burro, não, porque eu tive o meu principio. Eu minha escarpada minha andei pelos estudos alguns 10 annos e um dos Mestres que tive que era homem e de um talento raro por mais de uma vez me certificou que eu tinha cabeça. O' mas aonde me leva o meu espavorido pensamento? não era da cabeça que eu pertendia falar-te.. era do coração. Eu não tenho ligereira para explicar o que sinto... mas passão-se nelle coisas horriveis e vós ja deveis ter atinado com o que eu quero dizer. Quando eu tive a desdita de encarrar pela primeira vez a claridão dos vossos olhos minha cabeça ficou tão esquentada como se fôra folhas de ferreiro e o meu coração sentiu uma irritação incapaz de se arredar; eu não creio que isto seja outra coisa senão amor e como *similis similibus* como diz os meopathas eu espero, que o meu acrisolado e insuficiente anjinho me hâde encontrar no numero dos seus desconsolados adoradores e dispensar uma porção dos teus affetos a quem confessa assentuar-se

Teu obscuro adorador.

P. S. Sinto muito ter-te incomodala com a minha narração; espero me mando resposta pelo portador que é pessoa de responsabilidade e muito de bem, para eu ter incasião de tornar-lhe a mandar-lhe das minhas letras.

ANECDOTAS

Escrevendo um a sua mulher assignava-se sempre assim:
Tenho a honra e prazer de assignar me o menor marido de Vm.

Encontrando um gaiato duas senhoras, sendo uma muito feia e a outra muito formosa, exclamou: *Por esta disse Deos: deixarás pai e mãe, e por aquella: não desejarás a mulher, do teu proximo.*

Um sujeito tendo recebido uma carta de sua familia pidiu a um seu conhēcido o favor de a ler; este fingindo fazel-o, de vez em quando interrompia a falsa leitura, de zendo: *chore, chore, senhor F....* o outro perguntava-lhe pelo que, se havia morrido alguma pessoa de sua familia, ou se tinha acontecido alguma desgraça... *chore, chore, senhor F.... pela desgraça de Vm. não saber ler... nem eu.*

Um Professor de Logica perguntando a um de seus discípulos se tudo que tivesse principio devia ter sim, respondeu-lhe este que sim; tornou-lhe o Professor, se tudo que tivesse sim devia ter principio, e teve em resposta que não, porque podia ter principiado de meio.

Um estudante de Gramatica Latina tendo tomado lição a três seus condiscípulos, foi dar parte ao Lente e expressou-se por esta maneira: Senhor, ambos os três souberão a lição excepto um.

Havia um Cavalheiro que tinha um filho tão zote que não abria a boca que não dissesse uma necessidade; aconteceu morrer um seu amigo, que se havia de enterrar na Igreja de S. Francisco, e fôrão pae e filho convidados para o enterro. Tendo elles de se dirigirem, segundo o costume, á casa do defunto, depois do enterro, para dar os *pésames* a familia, receiou o pae, que o filho soltasse alguma asneira e por isso industriou-o no camiuho o que devia dizer: 1.^o Forte heroe perdeu a nossa republica 2.^o A cata-

cunha estava muito bem armada—3.^o Ficou sepultado em a nave esquerda do S. Francisco; mas isso não seguidamente, senão de espaço quando a conversação o permitisse. Tomou o filho muito sentido no recado e para senão esquecer foi-o repetindo pelo caminhô; chegado que forão á caza do defunto, e apenas entrárao na sala onde a viúva e sua triste familia choravão suas magoas, diz o nosso orador com uma voz arrebatada: Forte Herodes perdeu a nossa república! O cadafalso estava bem armado! Lá ficou enterrado em a nadega esquerda de S. Francisco. O acto era para chorar, mas ninguém pôde conter o riso ao ouvir tão desmarçada necidade.

Certa Madama, vendo o grande pleito das trez Deusas representado n'um painel, perguntou a um Padre pregador o que significavão aquellas trez figuras anjas com a maçã na mão?... —Sua Reverencia (depois de ter parafusado um pouco) respondeu:—que o Pastor era o Dragão; que com o pomo enganara Eva no paraíso, que... —Mas (replicou a Dama) Eva era uma, e não trez.—O Padre embatuçou; porém logo com cara de Frade retrorqui:—O Pintor figura n'este retabulo Eva antes do peccado; Eva no peccado, e Eva depois do peccado; e assim as trez Evas formão una só... São pontos da Escriptura que mulheres não devem esquadrinhar.

EPIGRAMMA

Expirou... quem tal diria?
Fabricio, ebrio afamado
Nas mãos de sua inimiga...
Porque?... Morreu afogado.

B. J. B.

LOGOGRAPHO.

A primeira, procurai-me
Nas Virtudes Theologaes;
Sou d'ellas a mais precisa
P'ra salvação dos mortaes.

A primeira, com a quinta
Ninguem a pode aturar,
O nariz incomodando,
Até nos faz nausear.

A segunda, com a quarta,
Como a ella se farrar
O homem laborioso
Sempre, sempre a trabalhar?

A segunda com a quinta
Para alguma ideia dár,
Ver-se-ha entre cohortes
A victoria a disputar.

A segunda, por mim só
Affirmo, mas nunca nego;
Diz-me o sabio muitas vezes,
Não me dirá quem for cego.

Si a um rico generoso
Um pobre pedindo está,
Tendo elle compaixão
Diz-te a quarta o que fará.

A terceira em reunião.
Só no fim se me verá;
Porem mettido entre linhas
Ora aqui, ora acolá.

A quinta isoladamente
Verbo scerei com certeza;
A' pobreza, a charidade
Mande o saça com presteza.

A terceira, a quarta, e a quinta
Do que província é menor;
Mas tratando-se de villas
E' povoação maior.

Mas do logrogrípho o todo
Quanto não é invejada?!
Na terra pouco abundante
Posto que mui procurada.

Porem ditoso do ente
Que na terra a possuir,
Ou d'aquelle que no ceo
Tal dita venha a fruir.

B. J. B.

CHARADAS.

1.

Quando usa o seductor
Dessa linguagem que illude
Assim acontesse á bella
Que possee casta virtude—2

Com pequena diferença
Sou synonymo de saude,
Antepondo uma vogal
Posso ser nobre ou ser rude—1

Da mais docil ávesinha
Do animal mais feróz,
Quando a morte se aproxima
Por elle se escoa velloz.

2

Branca ou preta que seja
Nao deixo de ser o que sou—1

Par a servir de morada
Eu sou pouco procurada—2

Neste estado d'afflção
Cauzo grande compaixão—1

Sou sitio frequentado
Estou no Brasil colocado.

3

Sem visto ser toco em tudo
Quando impellido sou,
A todo vivente dou vida
Alguns ha a quem morte dou—1

Meu nome na historia antiga,
Procurando acharás
Cem annos antes de Christo
Minhas façanhas verás.

Venci trezentos mil Cimbrios
A Gallia pacifiquei
Guerra civil contra Sylla
Alguns annos sustentei—3

Nas cozinhas e tabernas
Onde sou mais frequente
Sirvo de Guarda a tudo
Que de mim consia a gente

V.

4

Se deleito o ouvido n'harmonia
Nunca posso agradar homem severo—1

Porque, com elle, procuraes cuidoso
Matar-me, ó caçador, brutal, e fero?—2

Quanto é bello a sós estar
A Natura contemplando,
E na vida meditando
Ver o passaro a trinar?!
E, tão só, n'esse momento,
Que a pensante creatura
Vê de Deos a formosura,
E se arrouba o pensamento!..

Algumas vezes
O isolamento
Minora as dores,
O sofrimento.

Explicação das Charadas do n.º 5—1.º Paixão—2.º Paixão—
3.º Pateta.—
